

A LINHA E O LINHO: A MÚSICA DE GILBERTO GIL BORDANDO AS SENSIBILIDADES DE UMA ESCRITA DE SI

João Diogo Trindade Cordeiro Araújo

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: diogotrindadepb@hotmail.com

Resumo:

Esse texto tem por objetivo refletir sobre minha experiência enquanto aluno da pós-graduação da Universidade Federal de Campina Grande-PB, na disciplina de Metodologia da Escrita. Neste ensaio venho discorrendo sobre a escrita-arte e do meu “estranhamento” inicial no que se refere ao objeto de estudo escolhido, assim como a minha aproximação dele, de como fui subjetivando esses encontros com os sujeitos da pesquisa para que, pelo viés da sensibilidade, conseguisse ressignificar minhas formas de escrever, gestando uma escrita sedutora e apaixonada. Essa relação pesquisador/objeto/sujeito “desemboca” em um processo transformador e ao mesmo tempo vanguardista na arte de gestar a escrita. Aqui busco fugir das formas cartesianas de pesquisa “impostas” pela academia e, de forma provocativa, objetivo trazer reflexões sobre a liberdade criativa para que tanto alunos quanto professores repensem seus métodos. Foi saindo do lugar de “autoridade” que, enquanto pesquisador, dei voz aos silenciados e me propus compor uma escrita de si e do outro baseada nas relações de alteridade. A música “*A linha e o linho*” do cantor e compositor Gilberto Gil dá o mote necessário para que eu construa um processo criativo de escrita traçando um paralelo a partir das minhas vivências de pesquisador-apaixonado. É importante considerar que para discutir sobre “escrita de si” utilizei Durval Muniz de Albuquerque Junior (2013), assim como para trazer o conceito de experiência se fez presente Jorge Larrosa (2004). O conceito de sexualidade utilizo a partir de Guacira Lopes Louro (1999) e sobre sensibilidade dialogo com Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (2012).

Palavras – chave: música, experiência, escrita de si, sensibilidade.

1. Introdução

*“E fosse aparecendo aos poucos nosso amor
Os nossos sentimentos loucos nosso amor.”
(Gilberto Gil – A linha e o linho)*

A música é uma expressão artística que remete a períodos da minha existência, temporalidades onde pude experienciar minhas subjetividades, sentimentos, alegrias, dores e tristezas. Ao longo da minha história de vida a música se fez presente todo o tempo. Na escola, ainda infante, ela embalava as brincadeiras de roda. Na adolescência foi trilha sonora de amor e dor, as minhas muitas desilusões pareciam dialogar com composições e cantores, e, na maioria das vezes pensava, “cá com meus botões”, que determinadas canções eram compostas para mim.

O texto cantado tem o seu caráter de oralidade, mas não posso esquecer que antes de ganhar um corpo harmônico a partir da voz e dos acordes, antes que o sujeito venha a converter signos e códigos da linguagem em uma composição melódica, é preciso conceber a música como uma expressão prática da escrita, da escrita-arte. Quando recebi o desafio de discorrer sobre a metodologia da escrita de si, remeti-me imediatamente à música, aos acordes e tons como sendo as estratégias de uma escrita poética, sedutora e até transgressora.

Reconhecendo-me enquanto sujeito-pesquisador, ou melhor, sujeito-pesquisador-apassionado, é que pretendo com esse artigo musicar a relação que tenho com um “Outro” especial, minha pesquisa. Discorrer sobre uma relação de amor, de paixão, de encontros e desencontros com esse ‘Outro’, que aos poucos vem construindo e transformando minhas sensibilidades. Um ‘Outro’ que me toca, tensiona e confronta.

Escrever com beleza é um exercício diário que apresenta tropeços e tormentos. Às vezes me pergunto como compositores e poetas conseguem realizar o ato da escrita com tanta ternura, como conseguem com apenas um refrão tocar nossas almas e singularidades? E foi a partir dessas perguntas que me sobreveio a problemática de “Como transportar para a escrita as sensibilidades experimentadas durante a pesquisa, refletindo sobre a poética literária da música a linha e o linho de Gilberto Gil?”

Com essa reflexão me proponho trazer a música para minha história do tempo presente. A canção intitulada “A linha e o linho¹” do cantor e compositor baiano Gilberto Gil

¹ Tecida por Gilberto Gil no Hotel Meurice, em Paris (França), a canção A Linha e o Linho foi lançada pelo cantor e compositor baiano em seu álbum Extra (1983) <http://www.blognotasmusicais.com.br/833322322-lancada-por-gil-em-1983-gera-30.html> visitado em 20 de outubro de 2016.



usa a arte do bordar² para dar força ao desejo do “eu lírico” de falar sobre um entrelaçamento afetivo, de um relacionamento onde o amor é a consequência e também o fruto do encontro entre dois sujeitos que resolvem costurar uma história sentimental. Gil a compôs para sua esposa Flora no ano de 1983.

A importância desse artigo se dá no sentido de refletir sobre a sensibilidade da escrita para que tanto alunos quanto professores, no âmbito da academia, possam repensar os discursos cartesianos e cristalizados de suas escritas e a partir dessa familiarização com agulhas, panos e linhas comecem a “tecer” lindos bordados, textos ricos em sedução e deliciosamente apaixonantes para o leitor.

2. Nas Linhas do estranhamento: o primeiro entrelaçar de um processo criativo

*“É a sua vida que eu quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha”.
(A linha e o linho – Gilberto Gil)*

No ano de 2016 entrei no programa de pós-graduação para cursar o mestrado em História pela UFCG³, um ano atípico – para mim - cheio de desafios propostos pelos professores do programa, desafios que me levariam a mergulhar em minhas próprias subjetividades iniciando um processo de transformação pessoal e intelectual de uma intensidade jamais vivenciada, processo este em curso. Durante minha vida acadêmica, ainda na graduação, em nenhum momento fui despertado para a pesquisa da maneira como tenho sido no mestrado. Enquanto “pesquisador-aluno” era de praxe ser conivente com a ideia cristalizada de distanciamento que deveria manter do sujeito/objeto, da importância da neutralidade para que não fosse comprometida a análise dos dados no momento de elaboração e finalização de um trabalho qualitativo. Com meu ingresso na pós-graduação percebi uma iminente necessidade do corpo docente em formar pesquisadores que desenvolvessem caracteres para além da cientificidade, sujeitos que vislumbrassem na experiência da pesquisa um “algo mais”, que transitassem pelos entre-lugares⁴ combatendo as estruturas deterministas

² Sobre a historicização do bordado, Maisa Ferreira de Sousa (2012, p.6) em seus estudos afirma que “Se considerarmos a costura como passo inicial para o surgimento do bordado, podemos datá-lo como uma atividade surgida na pré-história. A união de peles de animais com de fios feitos de fibras e utilizada para aquecer o corpo foi uma atividade praticada pelo homem mesolítico. Entretanto, por mais que o objetivo dessa ação de unir duas peles fosse simplesmente prático, essa costura começa a incorporar elementos adicionais em sua execução que criam um adorno para o objeto.”

³ Universidade Federal de Campina Grande.

⁴ Considerando entre-lugar a partir de Homi Bhabha (2005 apud OLIVEIRA, 2012) como sendo, “fundamentalmente, um espaço mimético; esse parece ser o grande ponto de partida para a construção de sentidos e das sensibilidades, e a sua educação ao longo da história.”

e organicamente fechadas da linguagem. Os meus professores da disciplina de Metodologia da Escrita, Iranilson Buriti⁵ e Eronides Câmara⁶ anunciavam a necessidade de que enquanto pesquisador-escritor eu fosse de encontro à escrita engessada e cristalizada para que pelo viés da sensibilidade⁷ esta fosse transformada e ressignificada.

As aulas de metodologia eram conduzidas com maestria, era como “música para meus ouvidos”, daquelas manhãs produtivas de terças-feiras, ressoam, no presente, os belos sons das conversas, dos sorrisos, das emoções e do silêncio. Vozes que calavam, vozes que se atropelavam em cada encontro, vozes trêmulas e embargadas quando ponderavam sobre suas experiências de vida. Vozes do “aprender-arte”.

Problematizar meu objeto de estudo vislumbrando uma escrita sensível gerou o meu primeiro estranhamento. Nas aulas eu compreendia que era preciso me despir de conceitos pré-concebidos sobre o “Outro” e já começava a flertar com as possibilidades de uma nova sensibilidade histórica, o que para mim era desbravador. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (2012, p.8) quando afirma que os “cheiros, gostos, toques, olhares, cores, ruídos, dor, medo, raiva e prazer configuram um verdadeiro índice das possibilidades de definição das novas sensibilidades na história.”, me fala sobre a necessidade da “entrega”, conhecer os sujeitos da pesquisa e me permitir ser conhecido por eles através dos sentidos, a partir das nossas dores e dos nossos medos, das nossas alegrias e inquietações. Uma experiência transformadora necessária para que eu fosse ponto a ponto bordando e entrelaçando nossas histórias de vida.

Em linhas breves é importante ressaltar que a minha pesquisa ocorre num chão de fábrica⁸, um ambiente masculinizado e heterossexista⁹ onde transitam cerca de 9.000 (nove mil) colaboradores por dia, em sua grande maioria sujeitos do gênero masculino que contribuem com a manufatura de bens e/ou serviços operando o maquinário ou supervisionando a linha de produção. Após três anos do meu desligamento, retomo minha

⁵ Professor da pós-graduação em História pela UFCG

⁶ Professora de pós-graduação em História pela UFCG

⁷ Sobre sensibilidade dialógico a partir de Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, quando afirma que “de alguma maneira, os objetos nos tocam demodo a permitir que sobre eles estabeleçamos as mais diversas simbologias, ainda assim a apreensão do mundo se dá pelas vias dos nossos sentidos primeiros...” p.8

⁸Chão de fábrica: A expressão remete ao trabalhador comum, onde a atividade é mecânica, a mão-de-obra média é pouco qualificada e a autonomia é baixa. O regime de trabalho é caracterizado por turnos de revezamento de 6 ou 8 h, funcionando 24 h por dia, 7 dias por semana. Eles representam na pirâmide da empresa, 85% da mão-de-obra e se consideram o “chão-de-fábrica” <http://www.qued.com.br/site/index.php/duvidas/O-que-significa-a-expressao-chao-de-fabrica> visitado em 20 de outubro de 2016.

⁹ Para Kelly Kotlinsky (2007, p. 3) heterossexismo: “[...] designa um pensamento segundo o qual todas as pessoas são heterossexuais. Um indivíduo ou grupo heterossexista não reconhece a possibilidade de existência legítima da homossexualidade, ou mesmo da bissexualidade”.

rotina diária recontando minha trajetória fabril manipulando as minhas memórias¹⁰ ao tempo em que também o faço com as memórias dos demais sujeitos que compõem essa pesquisa.

Por ter sido funcionário por mais de dois anos, escrevo a partir de minhas experiências, é o “contar-se” como uma grande aventura. Como afirma Larrosa (2004, 154):

A experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca. A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa.

Uma experiência que me transpassou, me tocou de maneira singular e me motivou a cruzar minhas vivências na fábrica com as narrativas dos operários homoafetivos, investigando a partir dos conceitos de sexualidade¹¹ e do cuidado de si¹² as premissas de novas formas de viver e construir estéticas da existência¹³. Como esses sujeitos se relacionam e como a própria masculinidade passa a ser ressignificada para atender modos de vida e existências no setor fabril? A jornada “fabril” me levou a se desnudar de uma série de preconceitos para construir respostas e me convidou a apaixonar-se pelo meu objeto de pesquisa, mas para viver essa paixão eu precisava distanciar-se de mim mesmo. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013, p.3) afirma que:

Pode-se escrever para desencontrar-se consigo mesmo, produzir um distanciamento de si, escrever para se perder, para simular os germes de novas existências [...] escrever como novas possibilidades de se dizer sujeito.

A partir do momento em que, enquanto sujeito pesquisador, buscasse em mim mesmo formas de transgredir com relação ao meu olhar do preconceito, estaria ensaiando um novo estilo de vida, um novo modo de agir e pensar e só assim fazer da minha escrita, antes estática e agora ressignificada e em movimento, uma nova maneira de experimentar a vida. E para que esse encontro propiciasse a beleza, era hora de se apaixonar pelo meu trabalho, pelo meu objeto, pelos vários sujeitos interlocutores que eu estava me dispondo a conhecer e

¹⁰Sobre memória dialogo a partir da compreensão de Durval Muniz (2005, p.200) quando afirma “As memórias individuais não podem ser tomadas como alicerces da consciência individual ou coletiva, massim como pontos de interseção de várias séries ou correntes mentais aproximadas pelas relações sociais...”

¹¹Segundo Louro (1999) a sexualidade “[...] é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem verdade”. (p.11)

¹² Para Michel Foucault (2005) “é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática.” A cultura de si, enquanto técnicas do sujeito relacionar-se consigo mesmo, precede ao cuidado de si que seria o ocupar-se consigo, ter cuidado consigo mesmo.

¹³ Para Tvardovskas (2010) “Foucault debruça-se em diferentes textos sobre o tema *artes da existência*. Para ele, nas civilizações antigas greco-romanas, concentrando-se nos anos I e II AC., haveria uma experiência pautada na afirmação da liberdade e na ética, com o intuito de criação de uma existência boa e bela. (FOUCAULT, 2005, p.268)” (p.63)

entrevistar. O estranhamento aos poucos precisaria se transformar na motivação para que nas correntezas de um processo criativo o meu olhar sobre o outro fosse sendo modificado.

A linha para entrelaçar essas vidas à minha já estava em mãos, mas era preciso poética, era a agulha do real nas mãos da fantasia que deveria ir bordando pouco a pouco o nosso dia-a-dia (meu e dos sujeitos interlocutores). A minha vida à deles precisava formar um elo, uma melodia harmônica, uma relação de afetos, tormentos e crises de uma paixão, só assim nasceria uma escrita bordada no tecido de nossas subjetividades.

Música, arte e sensibilidade, “A linha e o linho” se entrelaçando a partir das minhas experiências com o outro. A delicadeza, o capricho e a persistência para que no tempo oportuno eu viesse a costurar um belo bordado – a minha escrita de si – “o ninho da beleza”.

3. Nas linhas da escrita: um bordado de tensão, sentimentos e sensibilidades

*“O zig-zag do tormento, as cores da alegria
A curva generosa da compreensão.”
(A linha e o linho – Gilberto Gil)*

Os estudos de gêneros foram muito felizes em questionar a ideia de conceitos como masculino e feminino, homem e mulher, de sexualidade e gênero. A partir desses questionamentos surgiram novas formas de pensar, novas maneiras de viver e com o caminhar dos meus estudos sobre gênero fui descobrindo multiplicidade das “artes do viver”.

Ao deparar-me com a forte presença de um sujeito com seus 30 anos, cabelos longos loiros na altura da cintura, silhueta definida que atende ao estereótipo de mulher brasileira, curvas acentuadas que desenhavam seu perfil feminino num corpo ressignificado, fui imediatamente impactado, confrontado e tensionado por aquela presença. Agrado (pseudônimo), uma pessoa transgênera que tive a oportunidade de entrevistar era operária de fábrica e sujeito da minha pesquisa, representava um dentre os vários tipos masculinos e femininos que circulavam no ambiente fabril.

Enquanto me propunha a conhecer Agrado fui literalmente abraçando essas novas leituras e a cada conversa apenas se constatava que aquele sujeito falava muito sobre mim mesmo, aquele “outro” com suas lutas, suas decepções, seus amores e desafetos, era tão humano quanto quem lhe entrevistava. Além de Agrado tive a oportunidade de conhecer e entrevistar operários homoafetivos (homens cispêneros¹⁴) o que me fez sair do lugar comum

¹⁴ Para Leticia Lanz (2015, p. 403) cispênero “é a pessoa que se encontra bem ajustada ao rótulo de identidade de gênero (mulher ou homem) que recebe ao nascer em função do seu órgão genital (macho ou fêmea).”

do “julgamento” e pensar como faria para transportar tantas sensibilidades para uma escrita, afinal de contas eram vidas que se entrelaçavam à minha.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013, p.3) suscita um questionamento que vem permeando minhas investigações no campo da pesquisa e da escrita, ele problematiza:

“Como escrever e inscrever as diferenças do desejo, do pensamento e da vida de um homossexual numa língua que carrega marcas de uma sociedade heteronormativa e heterodominante?”

Fui educado para ser “macho” normatizado dentro de padrões sociais heterossexistas e cobrado pela família nuclear da qual fazia parte a viver e agir como tal, um macho viril, com força física, despreendido de sentimentalidades. Fui “inventando” minha masculinidade não para atender os meus anseios de sujeito humano, mas para construir no “outro” um olhar sobre mim que fosse condizente com o que era socialmente correto. Diante do desafio da pesquisa, e mais do que isso, diante do desafio de escrever é que venho me reeducando, afinal, como transmitir para a escrita os atributos referentes à sensibilidade que estão associados ao feminino? Um tormento, um momento de crise, o rio se torna caudaloso e agitado. Escrever cientificamente é atestar que aquela vivência experimentada existiu, é dar voz às memórias, dar ciência e assumir o lugar de “timoneiro” no barco das incertezas e descobertas que a pesquisa proporciona.

Repensando a linguagem a partir do sensível venho me propondo dia-a-dia, diante desse “zig-zag de tormentos”, a ir traçando esse bordado caminhando paulatinamente pelas curvas generosas da compreensão. É compreendendo o “outro” (transgênero e/ou homoafetivos) que encontro respostas para os momentos de tensão. Os fios e as linhas do pensamento vão me apresentando as tramas, histórias que se enovelam umas às outras, e como uma colcha de retalhos vou costurando minha “nova” linguagem a fim de transportar para a escrita essa costura, mas para que eu costure precisarei de novelos, de carretéis, meadas e linhas. Sem as linhas e sem o tecido não se borda. Sem mergulhar em minhas próprias sensibilidades não conseguirei escrever, pelo menos não a escrita-arte. Portanto, é preciso sair dos lugares socialmente instituídos, é preciso repensar o estranhamento para que seja praticada a liberdade. É preciso coragem.

Alinhavando as tensões, os sentimentos e os tormentos, vou aos poucos transportando de maneira gradual minhas vivências da pesquisa para a escrita. Uma escrita que anuncia segundo Barbosa (2015, p.4) “os espaços entre, que permitem ao leitor respiros e interpretações [...] linhas que se entremeiam para formar superfícies e linhas que vão tomar as superfícies.”. A linha do grafite, do lápis ou da caneta para que se escreva com paixão

(83) 3322.3222
contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br

sobre esse “outro”, sobre mim mesmo, nossos encontros e desencontros, nossas crises. A linha como elemento de linguagem escrita, a linha que me ajudará a bordar as palavras a partir de agora não mais nos tecidos da fantasia e sim nas realidades do papel, a linha que bordava pontos cheios e vazios, agora desenhará traços e rabiscos.

4. Conclusão

O processo criativo da escrita é intenso, começa pelo estranhamento e percorre um caminho cheio de percalços como discutido anteriormente. Tem seus tormentos e dificuldades, mas é uma construção cotidiana, é um “escrever-apagar” sem fim. Em alguns momentos falta inspiração para prosseguir, em outros momentos falta coragem. Eu por muitas vezes abandonei textos belos por acreditar não ser possível concluir com êxito. Quando penso em desistir recorro a autores, teóricos, compositores e poetas que fazem da escrita suas artes da existência, é pelo viés de suas sensibilidades que sou tocado e encorajado a retomar os meus processos criativos textuais que foram interrompidos, e a fazer dos meus estranhamentos os “ponta-pés” necessários para a liberdade.

Neste ensaio me propus a abrir essa caixinha de surpresas que é a escrita, mais especificamente a escrita de si, contar do sofrimento que uma escrita em “crise” me apresenta, mas também da importância em se deixar transformar quando por ela me desloco enquanto sujeito. Da paixão que me ocorre quando escrevo, dos sentimentos mais ardentes que me tomam nessa caminhada tão solitária que é o ato de escrever. Sair dos lugares de aprisionamento e recorrer às práticas de liberdade para construir belas histórias assim como dialogar com histórias de vida que se entrelaçaram à minha.

A pesquisa é esse “outro” pelo qual eu me apaixonei, esse “outro” em que eu acordo e vou dormir pensando, conjecturando novos encontros, buscando artifícios para seduzir e me aproximar. Cada encontro vai se tornando eletrizante, cada informação, cada conversa me deixa enamorado, abre um mundo de possibilidades para que através da escrita eu possa desenhar meus novos modos de existência.

Não teria como terminar sem voltar ao bordado, à delicadeza da música de Gilberto Gil. Eu diria que o meu bordado, diferentemente do cantor, ainda não está pronto, mas os pontos e alinhavos já costurados estão bonitos, bem ornados. Alguns pontos precisei desfazer, mas já refeitos estão coloridos e refletem a imagem da “pétala da paixão”. Seguirei bordando, incansavelmente, noites adentro vivendo a paixão de escrever com arte, reproduzindo nesse

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

bordado as mais belas histórias. A linha e o linho, tecidos e agulhas nas mãos da fantasia. Papel, grafite e borrachas em minhas mãos, mãos que para além de representarem a realidade, representam a liberdade de uma escrita-arte apaixonante.

5. Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história.** Baurú, SP: Edusc, 2007.

_____. **Escrever como fogo que consome: reflexões em torno do papel da escrita nos estudos de gênero.** Disponível em http://simposiufac.blogspot.com.br/2013/07/durval-muniz-de-albuquerque-junior_22.html acessado em 27 de julho de 2016.

De l'amitiécommemode de vie. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. leBitoux, publicada no jornal GaiPied, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de wanderson flor do nascimento. <http://psicanaliselacanianana.blogspot.com.br/2009/08/damizade-como-modo-de-vida.html> visitado em 27 de outubro de 2016.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 3: o cuidado de si; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque: revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque – Rio de Janeiro: edições Graal, 1985.

KOTLINSKI, Kelly. Diversidade sexual, uma breve introdução. In: Fórum de Entidades Nacionais de Direitos Humanos. Brasília: Coturno de Vênus, abril, 2007. Disponível em: HTTP://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=3048&Itemid=2. Acessado em 27 de julho de 2016.

LANZ, Leticia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero. Uma introdução aos estudos de gênero.** Curitiba. Transgente, 2015.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes.(Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **Sentidos e sensibilidades: sua educação na história.** Curitiba, PR: Editora UFPR, 2012.

RAGO, Margareth. (Org). **Foucault e as Estéticas da Existência.** Revista Aulas, nº 7, Unicamp. Campinas, 2010.

SOUSA, Maisa Ferreira de. **O bordado como linguagem na arte/educação.** Disponível em http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4494/1/2012_MaisaFerreiradeSousa.pdf Acessado em 27 de agosto de 2016.